



2º Domingo depois de Pentecostes - (29.05.2005) Próprio 4

1ª leitura - Deuteronômio 11.18-21, 26-28

Javé é o único Deus!

O Senhor coloca uma responsabilidade grande para seu povo. A promessa de Deus é que eles entrariam na terra prometida. Entretanto, era necessário assumir compromissos e ter atitudes positivas diante do projeto de Deus.

Bênção e maldição. Parece até radicalismo da parte do Senhor! Mas se analisarmos dentro do contexto do momento, saberemos que era preciso uma atitude mais incisiva de Deus. Diante de tantos deuses que se insinuam em Canaã, só há uma maneira de resguardar o povo das ilusões místicas e visionárias das religiões de mistérios cananêias: Estabelecer parâmetros e limites bem definidos para os israelitas.

Bênçãos para todos os que seguirem os mandamentos prescritos no Deuteronômio. O projeto de Javé implica em estabelecer a justiça e conseqüentemente trazer qualidade de vida para o povo. Uma sociedade justa e fraterna é a proposta de construção da terra prometida (terra que mana leite e mel). Maldição para todos os que se recusam em participar do projeto deliberadamente. Não dá para construir uma terra de justiça com gente egoísta e que não compartilha. Daí talvez o radicalismo da proposta: Bênção ou maldição.

Aqui o povo de Deus é levado a uma decisão. Sua escolha definirá o seu destino. Também como os israelitas, temos que fazer nossa escolha – Aceitarmos o projeto de Jesus na implantação do reino ou vivermos uma vida alienada, sem compromisso e longe das bênçãos de Deus. (*Rev. Haroldo Mendes*)

2ª leitura – Romanos 3.21-25a, 28

Desde os mais remotos tempos o ser humano vem lutando com uma pergunta: como ser justo diante de Deus? Na busca desta resposta a humanidade elocubrou inúmeros caminhos. A esmagadora maioria, contudo, tinha algo em comum: exigia o esforço humano, implicando até no sacrifício para se conseguir galgar o favor de Deus. O cristianismo se apresenta com uma proposta absolutamente impar e inédita. Pela primeira vez Deus não exige nada do homem. Pela primeira vez o próprio Deus, em um gesto de graça, resolve, ele mesmo, quitar a dívida, unilateralmente, sem exigir nada em troca. Pela primeira vez a humanidade pode ser declarada justa com base em algo que ela não fez, não realizou, nem operou. Pensando nisso meditaremos hoje sobre o seguinte tema: A justiça de Deus.

De acordo com o texto que lemos, a justiça de Deus nos faz meditar em pelo menos quatro verdades: Em primeiro lugar, na sua necessidade. (v. 23) Porque o homem julga ser tão importante e necessário ser aceito e recebido por Deus? A resposta está no verso 23: "todos pecaram e carecem da glória de Deus". Este texto nos diz que a experiência do pecado é uma realidade comum a todos as pessoas. Mas o que seria o pecado? Entendemos que o pecado é uma realidade de esquizofrenia



fundamental, ou seja, é aquele princípio que cinde, que divide, que impede união e a concórdia. Toda a força que desagrega, que divide e que separa é pecaminosa. Nossas experiências de separação tanto se manifestam na esfera vertical quanto na esfera horizontal. Ou seja, nos comportamos como quem está separado de Deus e dos outros. Temos afirmado um princípio de egocentrismo ao invés de uma abertura para o "outro" e o "Totalmente Outro". Em Cristo esta abertura pode ser refeita.

Em segundo lugar, no seu mediador: (v. 24), Jesus Cristo. Nos sacrifícios antigos os mediadores eram os próprios homens. Eles eram os sacerdotes que ofereciam sacrifícios animais para expiar a culpa das pessoas. Em algumas culturas as vítimas eram até seres humanos – normalmente crianças ou mulheres virgens. No Novo Testamento aprendemos que Jesus é o mediador de uma Nova e superiora Aliança porque ele é, al mesmo tempo, o sacerdote e a vítima. Ele é o "cordeiro de Deus" que tira o pecado do mundo. Sendo apresentado pela Bíblia como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, ele pode ser, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima. Uma vítima humana, para morrer pelos homens e uma vítima humana perfeita, para que nunca mais seja necessária a morte de mais alguém. Em Cristo os sacrifícios se tornam desnecessários.

Em terceiro lugar, na sua extensão: para todos (v. 22). Assim como todos são pecadores e carecem da glória de Deus, da mesma forma o sacrifício de Jesus está, agora, à disposição de todos. Não importa a cor da pele, a condição social, o sexo, a raça ou a etnia. Todos estão agora aptos para serem alvos da graça salvadora de Deus. Ninguém deve se considerar indigno de receber a graça salvadora de Deus porque ele não tem preferência por ninguém e a ninguém exclui.

Em quarto lugar, na sua exigência: os que crêem (v.22). Não se exige mais obras, sacrifícios pessoais ou martírios. Não é mais necessário o derramamento de sangue ou a morte de quem quer que seja. Nada mais é posto como sendo necessário para que você seja aceito por Deus, a não ser fé. Fé é um sentimento de dependência última. É absoluta confiança no que Deus prometeu. Tudo o que você tem que fazer para ganhar o presente da salvação é estender a mão e receber de graça o presente. É acreditar que ele está aí, a sua disposição, e abraçá-lo por meio de sua fé.

Quando Paulo pregou em Corinto a reação das pessoas daquela cidade foi bastante natural. Eles acharam loucura que um Deus fizesse tudo o que fez para a salvação das pessoas. Para eles tudo isso era loucura. Mas, diz Paulo, Deus se agradou em salvar os que crêem apesar da "loucura" de seu discurso. (I Co 1:21) *(Rev. Jorge Aquino)*

Santo Evangelho – Mateus 7.21-28

A lembrança dos ensinamentos de Jesus registrada no Sermão do Monte pelo evangelista é apresentada na forma de pastoral para a Igreja e sua redação final foi concluída algumas décadas após a Ressurreição. Na parte final da mensagem, Jesus fala de dois caminhos (v.13-14) – um estreito que conduz à vida, e outro largo, que leva à perdição. Provavelmente, por volta dos anos 70-80 d.C., a Igreja já enfrentava problemas com falsos profetas, mencionados a partir do vers. 15, e onde também se



fala em duas árvores: uma que produz bons frutos e outra que produz frutos ruins. É pela qualidade do fruto que se avalia a árvore.

É nesse contexto que se fala dos falsos profetas: “tomem cuidado com os falsos profetas que se apresentam disfarçados...”. A perícopes de hoje está na continuidade desse ensinamento. Uma árvore ou um caminho é o da religiosidade de palavras vazias, de sensacionalismo, emocionalismo e realizações de impacto (milagres e exorcismos – vs. 22). A outra árvore, ou o outro caminho é o da prática da vontade de Deus, que não se aproveita das fragilidades das pessoas. O alerta de Jesus é muito sério e nos adverte a não nos iludirmos com manifestações religiosas (“nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus”). De fato, ontem, tal como hoje, as pessoas costumam se impressionar muito com quem faz bem articulados discursos religiosos. Mas o critério ensinado por Jesus não é medido pela quantidade de exorcismos, profecias ou milagres aviso é muito pertinente a todos que se engajam em religiosidade ou espiritualidade. Os redatores do evangelho compreenderam que sem a prática da vontade do Senhor, da manifestação do seu reinado, é fácil cair na sedução do poder das palavras e do impacto que causam as manifestações religiosas.

A árvore boa que dá bons frutos bons é a prática da justiça ou retidão do reinado de Deus, o oposto dos que praticam a iniquidade (vers. 23). Como em muitos casos, a conclusão nos remete ao início. A justiça do Reino de Deus está nas bem-aventuranças, (capítulo 5).

Vs.24ss. – A metáfora muda. Agora o cenário é a construção de casa no leito de rio na época da estiagem. Podemos perceber novamente ecos das lutas da igreja por volta dos anos 70-80 d.C. Olhando de longe, as duas casas podem ser bastante semelhantes. Porém, quando vem a enchente (perseguições, martírio, etc), uma subsiste e a outra cai. Aí é que se revelam os fundamentos. A casa (a vida da fé) edificada sobre a rocha, está segura e firme, porque a rocha é Cristo e seu evangelho (“sobre esta pedra edificarei minha Igreja”), enquanto a religiosidade baseada apenas nas manifestações sensacionalistas (casa edificada sobre a areia), não subsiste.

O texto é muito atual, pois vivemos dias em que a religiosidade sensacionalista, de massas, shows, milagres, exorcismos, etc, atrai muitas pessoas. O critério do evangelho, porém, é novamente lembrado: o que importa não são as manifestações sensacionais, mas a prática do evangelho (“todo aquele que ouve as minhas palavras e as pratica...” – vs. 24, em contraste com o vers. 26: “o que ouve e não as pratica”).
(Rev. Carlos Eduardo Calvani)